

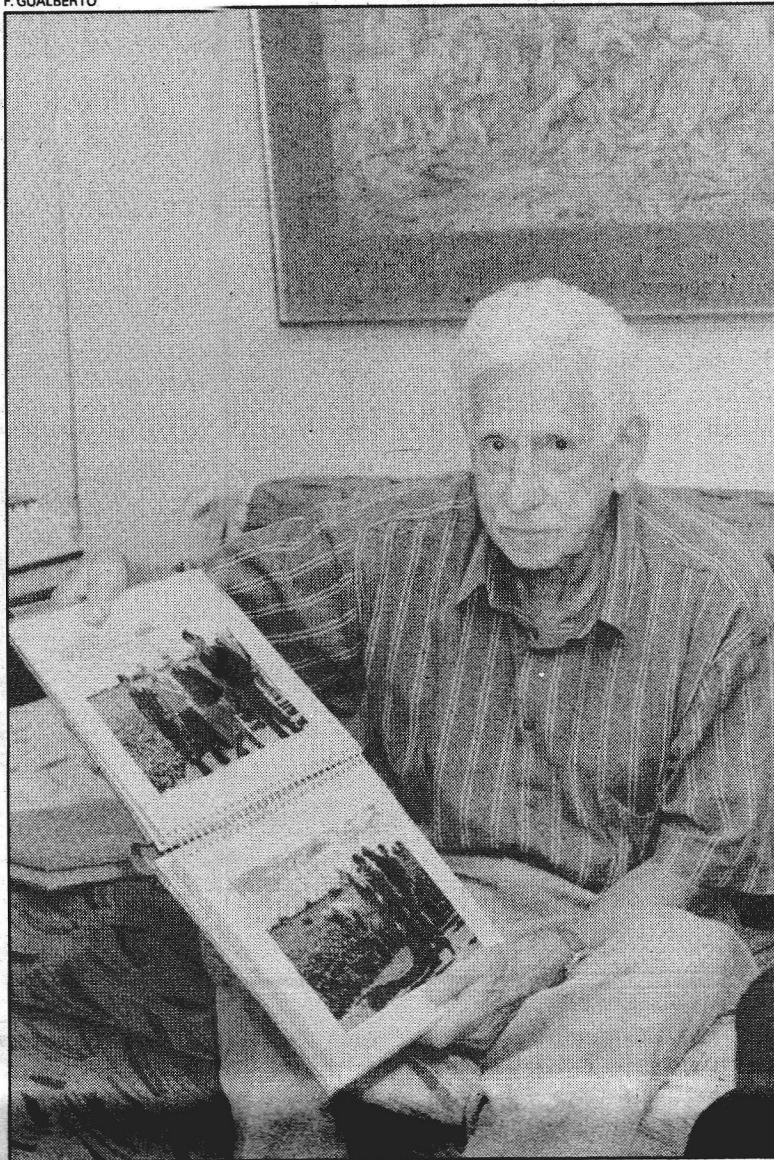
Souza Lima, o bandeirante da sojicultura

Você vai provar para o Brasil que não construí Brasília no deserto". A frase, dita por Juscelino Kubitschek uma semana antes de morrer, trouxe uma nova motivação ao agricultor Luiz Souza Lima, que se preparava para plantar as primeiras lavouras de trigo e soja no cerrado. A experiência deu certo e hoje dois terços da soja brasileira são produzidos nesse tipo de solo.

Um empolgado com as novas fronteiras agrícolas, Souza Lima incorpora, por descendência de uma família de tradicionais cafeicultores do Estado de São Paulo, o verdadeiro espírito bandeirante: antes de conhecer o cerrado, já havia sido o primeiro plantador de soja no Paraná, para onde transferiu-se em 1940, deixando sua cidade natal, Mococa, no norte de São Paulo. Foi para o Paraná (Cornélio Procopio, no chamado "Norte Velho" do estado) atraído pelas terras férteis e baratas e pela possibilidade de transmitir aos quatro filhos a tradição da cafeicultura. Foi um dos primeiros, entretanto, a perceber que nenhum produto poderia sustentar uma economia agrícola estável com total dependência de um fenômeno climático tão frequente naquele estado, quanto a geada. Abandonou o café pelo boi em 1962 para logo em seguida voltar para a agricultura através do trigo e da soja.

Terra seca — A chegada de Luiz Souza Lima ao Centro-Oeste — e mais precisamente ao Distrito Federal — teve, porém, o trigo e não a soja como motivação. Após ouvir de um engenheiro agrônomo americano a afirmação de que jamais vira em qualquer outro local do mundo um trigal com tantas doenças ao mesmo tempo quanto os do Paraná, resolveu partir à procura de uma região do País livre do excesso de umidade que facilita a propagação das doenças fúngicas que atacam o trigo. "Eu disse para o americano que o Brasil é um país especial, que aqui existem solos e climas de todos os tipos e resolvi provar que

F. GUALBERTO



*Souza Lima diz
que acreditou no
solo brasileiro
e trouxe a soja
para ser plantada
nos cerrados*

era possível produzir um trigo sadio", diz Souza Lima.

No dia seguinte ao diálogo com o pesquisador americano — outubro de 1972 — partiu com seu monomotor, em companhia apenas do piloto, para um longo giro por uma extensa região abrangendo parte do Nordeste, Minas e Centro-Oeste, fazendo coleta de amostras de terra. Tomou Brasília como referência e coletou cerca de 60 amostras de solo.

Cristalina — Poucos meses depois, os dois técnicos que pesquisavam soja e trigo na fazenda de Souza Lima no Paraná já transferiam para uma fazenda em Goiás, município de Cristalina, na divisa com Minas, as centenas de linhagens que desenvolviam das duas culturas. O trigo foi abandonado logo depois.

Entre as variedades de soja testadas pelo pesquisador Francisco Terasawa, trabalhadora Souza Lima, destacaram-se dez li-

nhagens mutantes oriundas em uma partida de sementes trazidas de Dourados (MS) e desenvolvidas na Universidade Federal de Viçosa (MG). Entre as dez mutações, chamou a atenção do pesquisador e de Souza Lima uma batizada como "muta-4".

Místico, Souza Lima vê numa série de coincidências o toque divino na potencialidade do cerrado como produtor de grãos. A orientação dos céus, segundo ele, começa com o aparecimento de uma determinada mutação na variedade "visoja" desenvolvida na UFV, que foi levada para o Sudoeste (MS), depois Paraná, onde foi batizada de cristalina e finalmente vir a ser plantada, com excepcional adaptação, no município de Cristalina, em Goiás.

Embora tal afirmação dependa de uma verificação mais acurada, muitos técnicos dizem que a cristalina é a variedade de soja mais plantada no mundo.